

E agora? Viver não vai ser fácil...

Todos nós nos interrogamos como vai ser o nosso futuro, e o dos nossos filhos.

Uma coisa é certa, sobre esta interrogação, os palpites são muitos, e parece-me que já ninguém sabe fazer previsões; e, as que são feitas hoje e parecem apontar para um caminho deixam de o ser, no dia seguinte.

Como sabemos planear antecedeu sempre os actos de gestão; mas afigura-se-nos, que não há Planeamento que resista a tanta incerteza.

Queria evitar a todo o custo empregar o termo fatalista; mas é inevitável pois ele vai sair... sim o termo **crise**, aí está e veio para ficar.

No meu modesto pensamento, sempre vivemos em **crise**; antes de Salazar - Caetano; durante o período da Revolução; e após esta, na governação Cavaco – Guterres – Sócrates.

Dirão, mas então vivemos sempre em crise?

Na verdade, é o que pretendemos fazer crer!

Há um grande número de cidadãos – por todo o mundo – também Portugal, que nasceu, viveu e partiu, sem sair dela.

A quantidade de dinheiro em circulação sempre foi a mesma; a não ser que, alguns discípulos de ***Alves dos Reis*** tenham ***feito das deles***, e o injectado no mercado algum, e nós nunca nos apercebemos disso.

Mas na verdade o dinheiro é que vai girando, passando das mãos de uns para a de outros, e acaba por se encostar, sempre ao mesmo lado...dinheiro chama dinheiro!

Quando ele encosta só a um lado, a **crise** instala-se, os grandes grupos financeiros, por estranho que pareça – ***enricam*** – e os pobres ficam, cada vez mais pobres.

Sabemos que os bancos nacionais continuam a arrecadar milhões mesmo em crise.

É assim que funciona o mercado de capitais – esse papão – que trama a vida de todos.

Ouvimos explicações atrás de explicações, dos mais entendidos na matéria, ao mais vulgar cidadão.

Mas o vulgar cidadão, apenas entende o fenómeno da inflação, quando ontem comprou litro de leite no supermercado e no dia seguinte, esse mesmo litro já está mais caro.

Vai para meio século, que a ***não existência de inflação*** se fazia “sentir” porque no seio das famílias, se juntava dinheiro durante vários anos, para se conseguir efectuar compras que naquela altura não era possível.

Trabalhava-se com o objectivo de poupança; poupança esta, que era inculcada no seio família e esperada por todos com a ansiedade.

Havia a convicção no seio familiar, que o dia da grande compra viria; e, que terminava com a reunião de todos os escudos, necessários.

Será este o caminho a tomar?

Mas ainda teremos que retomar outros hábitos, que perdemos com o andar dos tempos! Pois sim tudo indica que caminharemos rapidamente para aí!

Com FMI, ou sem ele, retomaremos hábitos ancestrais.

Assim vamos a caminho da ***Recessão***; e até, lá devíamos começar a tomar a bica em casa. Apagar luzes excedentárias. Queimar lenha recolhida nos pinhais.

Também fazer consertos no sapateiro. Remendar roupa. Evitar as lavandarias. Protelar compras de vestuário. Retomar do uso a braseira e da botija de água quente.

Enfim poupar. Poupar. E só tomar banho uma vez por semana para poupar água e gás! E não gastar a pele do corpo, porque ela vai ser esfolada.

Tudo parece ser fácil, mas preso por ter cão, e preso por não ter, enquanto ***incorremos no mesmo erro que o Japão***, e ao terminamos uma crise, caímos noutra muito pior; ou seja, a ***Deflação***.

Por outras palavras, a ***Deflação*** aparece porque as famílias retraírem-se nas compras, à espera que os produtos baixem de preço, ou que o seu poder de compra aumente.

Como não acontece nenhuma das duas situações anteriores, os mercados sofrem o ***efeito da pescadinha do rabo na boca***, e a ***Deflação***; instala-se precipitando-se as falências e o desemprego.

Pior a emenda que o soneto...

Do meu ponto de vista só há dois caminhos:

- Aceitar com resignação, enveredando por um caminho de austeridade, regressando ao *modus vivendi*, dos anos 50.

- Continuar na mesma, e assumir que a fome e as necessidades só irão afectar a família do lado.

Quando disse que só havia dois caminhos – ***porque o terceiro*** – ainda seria muito mais gravoso, que os já apresentados; e, até tenho medo de pensar nele.

Pode ser que proximamente o venha a abordar; partilhando, convosco...

Penso que estes dois últimos anos foram muito pouco aqueles cidadãos, que na verdade, diariamente sentiram na pele os efeitos da denominada ***crise***.

E não sentiram, porque ela ainda não se instalou visivelmente na nossa sociedade.

Mas não tenhamos dúvidas que ela se vai instalar...

E se tivermos aforrado alguns níqueis!

Sempre ouvi dizer que o dinheiro ***parado*** não tem valor!

Mas que fazer com algumas magras poupanças, que eventualmente se consiga juntar?

A caminho do banco do estado?

Se antes era preciso uma lupa para ver as taxas de juro que a Caixa Geral de Depósitos usava para remunerar muitos dos seus depósitos a prazo, agora teremos de recorrer ao microscópio.

*O mesmo banco, a CGD conseguiu permanecer insensível durante largos meses - não terá sido mesmo mais de um ano - aos sucessivos aumentos da ***euribor***.*

Mas noutro banco o dinheiro estará melhor?

Não sei, estou a pensar no BPN.

Os bancos funcionam graças à nossa confiança. Damos ao banco nosso dinheiro para mantê-lo em segurança e o banco, por sua vez, cede-o a outra pessoa para ganhar dinheiro.

Eles ganham dinheiro com os juros que cobram sobre os empréstimos, pois esses juros são maiores, que os juros que eles pagam, sobre as contas dos depositantes.

Se calhar já lhe passou pela cabeça colocar o dinheiro no colchão?

Com tanto banco de **credibilidade duvidosa** e com tanta gente a falar em falências e em efeitos dominó... Então e a criminalidade, os assaltos a lojas e a lares? O risco está em todo o lado. Vejamos o que se passa com as ourivesarias e as bombas da gasolina.

E se o cidadão conseguir em tempo de dificuldade, colocar de parte algum dinheiro, então deverá optar por uma aplicação financeira?

Claro. Se o prazo não é problema, e se a aversão ao risco é elevada, a melhor aplicação a prazo do momento talvez seja mesmo os Certificados do Tesouro admitindo que os mantenha até à maturidade, ou seja, durante 10 anos.

Mas sinto que poucos portugueses terão nos próximos anos que se avizinham, essa sorte.

*Portanto, tanto os portugueses como a humanidade estão condenados a **Poupar**.*

Mas o que é uma Poupança?

Vamos tentar em contra uma definição, que não possa ser posta em causa.

Poupança = Saving is a fine thing. ***Especially when your parents have done it for you. "Winston Churchill"***.

Traduzindo, Poupança significa:

- tudo aquilo que os pais deixam aos filhos.

Estamos portanto condenados a ser um país, em poupança permanente, incrementar as nossas exportações, desenvolvendo a indústria transformadora de insumos, já que temos pouca riqueza.

Insumo » É definido simplifadamente como: - tudo aquilo que entra no processo produtivo ('input'), em contraposição ao produto ('output'), que é o que sai.

Já agora para terminar estou a pensar em abrir dois negócios, uma carvoaria e uma farrapeira.

Vou transformar papel velho comprimindo-o, **em achas**, para a salamandra e queimar galhos e árvores e arbustos para os transformar em carvão.

E porque não; vender água do Videeiro, em garrafa.

Penso que este tipo de negócio terá futuro.

Com este pequeno artigo não pretende alarmar ninguém. Serve apenas de preparação para o que aí vem.

A nossa capacidade inventiva permitir-nos-á resistir, ao desafio das dificuldades que se avizinham.

Albano Nunes